

42 centros de fabricação de papel. De todos êsses centros, devidamente localizados pelo autor, apenas San Pablito sobreviveu.

O trabalho é, no conjunto, muito interessante, apesar de sucinto. Escrito em linguagem bastante acessível e ilustrado por fotos de qualidade variável mas retratando objetos e situações expressivos, é dirigido ao público não especializado. Todavia, os autores incluíram uma bibliografia de 41 títulos destinada àquêles que desejem aprofundar-se.

JÔNATAS BATISTA NETO

*

* *

VELARDE (José Fellmann). — *Historia de Bolivia (Los antecedentes de la bolivianidad)*. Editorial "Los Amigos del Libro", La Paz-Cochabamba, 1968, tomo I, 402 págs.

José Fellmann Velard, publicou, anteriormente, *Réquiem para una rebeldía e Los Imperios Andinos*, através das quais, adquiriu crédito como escritor conhecido, ao menos entre os leitores bolivianos. Somente agora lança o primeiro tomo de sua obra, prometida de longa data, depois de ter recuperado a coleção de documentos originais de sua propriedade, sua biblioteca particular e o seu fichário. Estavam perdidos em decorrência de sua militância política.

O presente tomo que ora resenhamos é constituído de uma introdução, quatro capítulos (*libros*), extensa bibliografia, alguns mapas e fotocópias de documentos.

Na introdução (p. 11 a 14), esclarece que um de seus propósitos é revisionista. Não considera a história da Bolívia, tão amarga e deprimente como surge em muitos trabalhos históricos. Para o mesmo uma obra histórica é científica quando: baseia-se em investigações originais, apresenta ordenação sistemática, os fatos são avaliados através de um método que evite a influência, o ânimo e capricho de quem a escreve, finalmente, acurada interpretação. Segundo o mesmo, emprega um método chamado integral: estabelece o ambiente geográfico e humano que dão perspectiva e profundidade ao econômico, social e cultural. Adverte que procura contribuir com *versiones* novas baseadas em fontes originais. Nem por isso, deixa de consultar obras históricas de outros autores. O Autor com capricho pessoal ufanista, conclui a introdução afirmando que o povo boliviano busca a liberdade e segurança econômica com *mas sangre, mas esfuerzo y más tenacidad que la maioria de otros pueblos...* (p. 14). Trata-se de afirmação incompatível com o próprio enunciado metodológico.

O primeiro capítulo (p. 15 a 66), dedicado aos Impérios Andinos (Aymara e Quéchuas), é síntese de sua obra anterior, publicada em 1961. As subdivisões em “épocas”: dos grandes cultivos, do bronze, dos Estados locais, etc. — quando muito ilustram teórico-didaticamente o capítulo, porém, perde quanto ao valor científico arqueológico. O Prof. Dick Edgar Ibarra Grasso, o qual não é desconhecido do Autor, em suas recentes publicações decorrentes de pesquisas arqueológicas em solo boliviano, demonstra a superação destas “épocas”.

O segundo capítulo (p. 67 a 94) é dedicado a Conquista. Queremos crer que, através do mesmo, o Autor não contribui com *versiones* novas. É uma síntese moldada à história política tradicional, apesar dos subtítulos chamativos. A clareza didática é um mérito, todavia abusa no emprego de certas expressões como: feudal, servo, burguesia industrial. É verdade que os teóricos continuam debatendo o problema do feudalismo na América. Mas, a quem se propõe aceitá-lo ou negá-lo deve especificá-lo em termos históricos concretos. Burguesia industrial no século XVI? O que significa? Nada, pois o Autor não apresenta uma caracterização precisa. Entendemos o seu propósito, em termos antropológicos, quando afirma que os conquistadores introduziram uma cultura *más robusta, pero no que fuera mejor* (p. 93) que a cultura dos conquistados. Porém, o que podemos entender por cultura *más robusta*? É mais uma passagem, na qual o Autor deixa a desejar. Para quem tem o propósito de sondar as raízes da *bolivianidad*, não seria atitude mais coerente admitir a coexistência de culturas? Não seria preferível evitar as expressões como: *muerte de la cultura, reemplazo de culturas*?

O terceiro capítulo (p. 95 a 243) que se refere ao período Colonial tri-secular, em seus múltiplos aspectos (político-cultural-social) é, sem dúvida, o mais importante, tanto em conteúdo como em coerência. Procura explicar o Alto Peru dentro de um contexto mais amplo. Ao aproximar-se o século XIX a atividade argentífera secular estava em plena decadência. Sobressaía-se a atividade agro-pastoril (p. 238) que, assim mesmo, não era de grande expressividade. As regiões que constituíam o chamado Alto Peru, já marcado pelas diversidades topográficas e climático-botânicas (que o Autor devia realçar), entravam em estagnação, se isolavam, ficavam como que desarticuladas, ilhadas. Em decorrência do elevado número de analfabetos, as idéias liberais, alcançavam ou eram alcançadas por uma minoria insignificante (p. 236). O analfabetismo, todavia, não era exclusividade do Alto Peru. Para os naturais, a luta política pela independência será mais uma insurreição como a de Tupaj Amaru, ou seja, nasce morta. O Autor excursiona pela história da expansão luso-brasileira, cometendo certos deslizes: para o mesmo os mamelucos eram mulatos e mestiços em sua maioria; os bandeirantes aprisionavam índios do *hinterland* para suas plantações de algodão (p. 202); os mamelucos bandeirantes descobriram ouro no Rio São Francisco; etc. No mesmo capítulo o Autor insinua uma análise (que desenvolve no próximo) teórica dualista fundamentada na deca-

dência econômica: *la división del Alto Perú en dos ámbitos culturais, económicos y étnicos diferentes: el país urbano y el país rural* (p. 234). Em termos teóricos, esta é a maior contribuição da obra. Como todas as elaborações teóricas, esta também pode ser contestada, principalmente pela ausência de uma caracterização precisa.

O quarto e último capítulo (p. 245 a 385) é sobre o processo da independência política e a implantação da república boliviana. Apesar da penetração econômica inglesa, em termos políticos foi a França que contribuiu para a derrota da Espanha na América. O vácuo do poder contribuiu para a subversão do mundo colonial espanhol. Pela situação geográfica e formação histórica, soprava sobre o Alto Peru várias correntes: liberais, que o Autor procura subdividi-las em moderados e jacobinos, ou seja, radicais; realistas; absolutistas limenhos; “juntistas” portenhos; etc. Em 1809 com os jacobinos *paceños* nascia o conceito de Alto Peru como pátria (p. 326). O Autor mescla a estas correntes: os grandes caudilhos e os pequenos. Os primeiros caudilhos eram produto do país urbano com visão mais ampla. Os pequenos caudilhos eram produto do país rural, dispunham de visão parcial, dispunham de um desejo, qual seja, a ocupação de terras e não a disputa pelo poder nos centros urbanos. Comprometeram e modificaram a estratégia da luta (p. 339).

A esta visão dicotômica e fracionamento de forças que prolonga a luta e a submete a um esquema confuso, o Autor acrescenta os guerrilheiros. Para o mesmo a guerrilha é um fenômeno do país rural, todavia, apresenta várias categorias de guerrilheiros: os caudilhos camponese (p. 333) descompromissados com os portenhos (p. 326) ao menos em certos momentos, foram atraídos para a luta desejando a posse da terra que estava nas mãos dos latifundiários crioulos e realistas; o outro grupo de guerrilheiros era representado pelos oficiais portenhos (p. 325). Houve momento que o país rural permanecia de pé (p. 312) enquanto o país urbano abandonava a luta (p. 319 e segs.). O objetivo emancipador sendo sustentado pelo país rural contribuiu para aprofundar o valo que separava este do país urbano (p. 327). Marchas e contra marchas, vitórias e frustrações para as forças fracionadas. Os guerrilheiros chegaram a ser derrotados pelas forças realistas.

O capítulo é minucioso em detalhes sobre certos personagens que se destacaram no movimento emancipador: Pedro Domingo Murillo, mineiro, comerciante advogado, precursor revolucionário, chefe da *revolución paceña* de 1809; Juan José Castelli, liberal jacobino que precedia de Buenos Aires, em Tiwanacu proclamou perante as massas camponesas que a terra devia ser devolvida aos seus antigos e legítimos proprietários (p. 299); Juan Manuel Caceres; Belgrano; etc..

A cuidadosa leitura de uma nova obra não invalida a idéia de compará-la com as outras já existentes e conhecidas tendo de comum a mesma temática.

Há varias Histórias Gerais da Bolívia, cujos autores sintetizaram apressadamente fatos compreendidos entre os séculos XVI a XX. No presente tomo, Velarde não rompe com tal tradição. Apesar do propósito metodológico (método integral), embora insista nos problemas sociais, que é um mérito em relação aos obras anteriores, mal toca nos problemas econômicos. Portanto, o seu trabalho se enquadra na história política tradicional, paralelo às demais histórias gerais. Esta, contudo, acima dos manuais de história destinados ao ensino secundário. O esforço teorizante, a concepção dualista (país urbano e país rural) permite situa-la em plano superior. Esta superioridade, todavia, está comprometida por certos descuidos técnicos: ausencia de notas de rodapé, bibliografia final com indicações incompletas, não distingue obras gerais de monografias, artigos de revistas, jornais; menciona Arquivos sem especificar os documentos consultados, etc.. A pretensão de historiar apressadamente séculos de história deverá ceder lugar às monografias de espaços cronológicos breves, para que somadas e revistas, possam ser elaboradas Histórias Gerais da Bolívia atentas, por exemplo, a um método integral. A Editora *Los Amigos del Libro* através de seus diretores, Hector Cossio Salinas e Werner Guttentag Tichauer, conciente destas limitações se prepara para lançar uma coleção histórica conhecida por "Enciclopédia Boliviana" cujos tomos irão corresponder a monografias elaboradas, individualmente, por especialistas bolivianos. É de se esperar que a indicação bibliográfica satisfaça os requisitos mínimos normais da técnica internacional.

JACIRO CAMPANTE PATRÍCIO

*

* *

QUIROGA (Eduardo Arze). — *Historia de Bolivia. Fases del proceso hispano-americano: origenes de la sociedad boliviana en el siglo XVI*. Editorial "Los Amigos del Libro", La Paz-Cochabamba, 1969, 468 págs.

A Editôra boliviana *Los Amigos del Libro* vem cumprindo importante missão cultural, qual seja, enriquecer com novas obras a Coleção *Bolivia Ayer y Hoy*, dirigida por Héctor Cossio Salinas e Werner Guttentag, subdividida em quatro séries. A obra que vamos resenhar corresponde à quinta publicação da série História.

O autor, Eduardo Arze Quiroga, é natural de Cochabamba, ex-professor de Economia Política na Universidade de San Simón, ex-diplomata, ex-ministro. Atualmente, radicado em Buenos Aires, dedica-se à pesquisa histórica.

A referida obra é constituída de um prólogo de Raúl de Labougle, membro da Academia Nacional de História de Buenos Aires, prefácio do próprio autor, dezenove capítulos e conclusão. Há reprodução de mapas, quadros de personagens e quadros estatísticos.